

RESISTÊNCIA NO PERFIL “FUNKEIROS CULTS”, DO INSTAGRAM: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES DISCURSIVAS

Thiago Carneiro da Silva¹

Neste trabalho, objetivamos compreender a resistência nos discursos presentes das postagens do perfil Funkeiros Cults; e entender o movimento da memória discursiva/interdiscurso na prática discursiva de resistência. Nossa análise segue a perspectiva teórica da Análise de Discurso (AD), formulada por Michel Pêcheux e introduzida no Brasil por Eni Orlandi; essa perspectiva teórica foi crescendo e sendo mobilizada por diversas outras analistas.

Quando a AD começou a se consolidar no Brasil, ficou marcada, sobretudo, pelo movimento de resistência. Foi durante a ditadura militar que começou a mobilizar discursos de subversão ao que era imposto. Sabemos que foi um período marcado por repressão de um governo autoritário, lembrado pela tortura, morte e pelo desaparecimento de pessoas que iam contra a ordem vigente. Nessa perspectiva, a AD se movimentou em um momento político configurado como um marcador histórico de opressão. Nessa conjuntura,

era esta discursividade que apresentava a ditadura não dita e demandava, de quem ainda ousava pensar, um enorme esforço em não reagir só emocionalmente e, ao mesmo tempo, em encontrar um modo de dizer o que não podia ser dito (Orlandi, 2019, p. 46).

Este trabalho segue essa linha pecheutiana, sobretudo, pelo motivo de estar marcada historicamente, no Brasil, como uma forma de resistir, mesmo no silêncio, buscando formas de dizer o que não podia ser dito.

Para que cheguemos nas análises compreendendo um pouco sobre o que é a AD, poderíamos dizer, a partir de Orlandi (2001, p. 15) que, “na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”, ou seja, a AD não vai se preocupar exatamente com a gramática, ela vai se voltar para os efeitos de sentidos no discurso; interessa, aqui, a língua como elemento que se concretiza nas práticas dos sujeitos.

O perfil Funkeiros Cults foi criado em maio de 2020, por Dayrel Teixeira, morador de Morrinho da Compensa, em Manaus. O perfil produz postagens, mais especificamente, memes que traduzem informações, discursos e narrativas presentes em livros; essa tradução é feita para uma linguagem periférica, promovendo, a partir dessa proposta, um caminho para democratização do conhecimento.

¹ Mestrando em Ciências Humanas e Sociais pela UFOB; licenciado em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas pela UNEB.

Pensamos, nesse trabalho, em apresentar três postagens que selecionamos e organizamos a partir de gestos analíticos, expondo esses movimentos no espaço virtual, constituindo como materialidades discursivas de resistência. Isso acontece porque os avanços tecnológicos nos possibilitaram adentrar em redes sociais digitais, e, nesse espaço, (re)produzir e fazer circular diversos discursos.

A pesquisa organizada neste texto se sustenta, como já dissemos, na perspectiva teórico-metodológica da AD pecheutiana, situando alguns movimentos importantes para compreender como esse material selecionado pode ser pensado como Sequências Discursivas (SD).

Na perspectiva do *corpus*, foram selecionadas postagens na rede social Instagram. Esse site objetiva oferecer aos usuários uma plataforma digital para publicação de fotos e vídeos, possibilitando também a elaboração de legendas. As postagens selecionadas foram organizadas em SD. Houve uma divisão da seguinte maneira: SD1, SD2 e SD3. Essas três SD foram transcritas e discutidas a partir da base teórico-metodológica. Analisamos, nessas SD, o texto verbal e o texto imagético, mostrando como essas materialidades produzem determinados efeitos de sentidos.

Neste tópico, conseguiremos observar as discussões realizadas a partir das SD. Vejamos:

SD1 - menô, esse tal colonialismo que impede nossa Lili de cantar (Na imagem, uma pessoa negra usando um óculos juliet e segurando o livro “Memórias da Plantação”, de Grada Kilomba).

SD2 - Respeito é pra quem tem! Quem tira onda com a religião do próximo, é pokas idéia (Na imagem, uma pessoa negra usando óculos juliet e segurando o livro “Intolerância Religiosa”, de Sidnei Nogueira).

SD3 - O mundão precisa ser dirigido por um pobre e Loko que já passou mó veneno, pois a fome passa a visão de várias fitas (Na imagem, uma pessoa negra usando um emoji de juliet e segurando o livro “Quarto de Despejo”, de Carolina Maria de Jesus).

Pode-se considerar, em primeiro momento, que os óculos “juliet” está presente nas três postagens selecionadas. Há, segundo observamos, uma recorrência desse elemento que aparece na discursividade da imagem; e essa presença pode ser lida como um elemento que produz/pode produzir um efeito de pertencimento identitário. O juliet significa de diversas maneiras. Podemos considerá-lo como um elemento de “autoestima”, funcionando, então, como um objeto que representa beleza e ostentação. Já nos grandes centros urbanos, de outras posições discursivas, o juliet é lido como óculos usados por ladrão/marginal. Essas leituras fazem com que o elemento significante do juliet seja, também, de resistência, estando em uma disputa pelo sentido.

Na SD1, o movimento é de apontar o colonialismo como o elemento que impede a efetivação da liberdade. A partir da nossa leitura, é possível compreender que há um movimento de “tradução”, de dizer de outra maneira o que está posto no livro “Memórias da Plantação”. Podemos observar como isso aciona, de maneira inconsciente, a repetição, mas uma repetição dita de outra forma e produzindo outros sentidos, seguindo uma atualização. Tendo isso em vista, Indursky (2011, p. 71) entende que “se há repetição é

porque há retomada/regularização de sentidos que vão construir uma memória que é social”. É nessa retomada que percebemos os efeitos da memória.

Vejamos que, na SD2, esse movimento de dizer de outra maneira permanece; o usuário-sujeito afirma que “quem tira onda com a religião do próximo é pokas idéia”. Essas afirmações levam a uma leitura de que é necessário respeitar a religião de cada pessoa, sobretudo, as de matrizes africanas, que sofrem, em grande medida, violências, apagamentos e silenciamentos. Esses discursos retomam a ideia do livro “Intolerância Religiosa”, que mostra todos esses aspectos em uma linguagem mais formal. Considerando isso, podemos observar o funcionamento da paráfrase. Nesse sentido, Lagazzi (1998) compreende que essa circulação permite que os sentidos se encontrem num percurso de ressignificação simbólica que mobiliza a busca por novas possibilidades discursivas.

Na SD3, o movimento de repetição continua seguindo a mesma proposta de dizer de outra forma. O texto da Maria Carolina de Jesus já é um texto que fala sobre um lugar periférico, é uma linguagem não culta. Mesmo assim, houve uma adaptação ainda maior na linguagem, no discurso, para que fosse mais acessível ao entendimento das pessoas que estão na periferia, e, aqui nós temos uma formação imaginária de como dizer de uma forma que a periferia escute. O discurso de Carolina não foi o primeiro; estava marcado por outros e o discurso do usuário-sujeito não retoma só o discurso de Carolina. Retoma, na verdade, diversos outros dizeres. Há, então, o funcionamento da heterogeneidade discursiva (Authier-Revuz, 1990).

Nessas três SD, conseguimos observar o funcionamento do que Lagazzi (1998) considera como Resistência Simbólica, sendo mobilizada, as três regências: i) resistir a alguma coisa; ii) resistir a partir de uma determinada posição; iii) resistir para conseguir alguma coisa. A partir disso, podemos considerar que resistir é uma forma de significar. O alhures está nesse movimento de que os discursos outros produzem efeitos no social; atualizar esse discurso posto no livro é fazer circular e mobilizar a resistência na rede de paráfrase. Essa enunciação faz significar a partir de uma subversão a uma linguagem que pouco chega nos espaços de periferia, como se fosse algo programado para não chegar nesses espaços.

É importante destacar que as obras reinterpretadas nas postagens são de pessoas negras, e isso tem uma importância simbólica, no sentido de que ler autores e autoras negras é uma forma de resistir. Isso tudo ocorre porque há uma estrutura social que exclui, historicamente, essas sujeitas e esses sujeitos. É nesse sentido que poderíamos considerar uma das formas de resistir apresentada por Pêcheux (1990, p. 17): “falar quando se exige silêncio”. Fazer circular essas obras na rede é movimentar um dizer que, nas instâncias de poder, tem sido negado.

Pêcheux (2014, p. 281) afirma que “não há dominação sem resistência: primeiro prático da luta de classes, que significa é preciso ‘ousar se revoltar’”. Há sempre formas de resistir ao poder dominante; é algo que está na camada sócio-histórica da constituição dos sujeitos. Portanto, é necessário se revoltar e mobilizar esse sentido de diversas maneiras, uma dessas foi o perfil Funkeiros Cults, presente no espaço

virtual que se configura como Condição de Produção (ORLANDI, 2001) para que ocorra essa materialidade discursiva.

Consideramos, a partir da análise das SD, que o efeito de resistência se materializa no discurso imagético, no discurso materializado, no texto verbal e no não-dito. Conseguimos compreender, nesse texto, os efeitos de sentido da resistência a partir da atualização. É nessa mesma perspectiva que o movimento da memória discursiva/interdiscurso apareceu: a materialidade do que ocorre na postagem está diretamente ligada ao discurso que é produzido no livro, atualizando um dizer.

Esse trabalho não finda aqui, porque um dizer nunca está acabado. Escrever sobre um movimento de resistência, sobretudo, um movimento que tem tomado uma grande proporção no ciberespaço, faz com que tenhamos fôlego para os desdobramentos. O Brasil contemporâneo está atrelado a uma onda de discursos neofascistas que, em certa medida, nos deixa sem ar, sem conseguir dizer; o grito, às vezes, fica difícil de sair, mas é nas frestas que a juventude se organiza (re)produzindo novos meios de dizer, novas formas de subverter as normas, construindo pontes entre o que é produzido nas obras literárias e a periferia.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. [1969] **Sobre a reprodução**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990.
- INDURSKY, Freda. Memória na cena do discurso. In: INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; FERREIRA, M. C. L. (org.). **Memória e história na/da Análise do Discurso**. [S. l.] : Mercado de Letras, 2011. p. 67-89.
- LAGAZZI, S. **A discussão do sujeito no movimento do discurso**. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 1998.
- ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2001.
- PÊCHEUX, M. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, p. 6-19, 1990.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2014.